

Dez anos de *Percurso*

Eliana Borges Pereira Leite

Em comemoração pelo décimo aniversário de *Percurso*, este texto convida o leitor a acompanhar os fios que vêm tecendo a história desta revista, e que formam uma trama na qual se pode ler parte da história da Psicanálise no Brasil.

“Mas escrever? Para que? Para produzir (deixar) um traço (material), para materializar meu percurso...”

Francis Ponge¹

O primeiro congresso internacional de psicanálise reuniu-se em Salzburg, em 1908. Vindo de diversos países da Europa e até dos Estados Unidos, o pequeno grupo de participantes juntou-se a Freud e aos demais pioneiros para ouvi-los e com eles estabelecer uma colaboração mais estreita. Um resultado valioso do encontro, como relata Peter Gay, foi a fundação do primeiro periódico psicanalítico, o *Jahrbuch*, destinado à divulgação dos progressos da nova ciência.² Nos anos seguintes, com a expansão dos conhecimentos e o crescimento da comunidade analítica, os mesmos motivos levaram à criação de diversas outras revistas: a *Zentralblatt* apareceu em 1910, a *Imago*, em 1912, e a *Zeitschrift*, em 1913. O *International Journal* foi fundado em 1919 e, desde então, o surgimento de periódicos acompanha a difusão da psicanálise ao redor do mundo.

Nos moldes do que já acontecia em outros setores da cultura, as revistas especializadas tornaram-se veículos eficientes e dinâmicos de comunicação dos desenvolvimentos no campo psicanalítico e de interlocução entre os analistas, acolhendo trabalhos que, desta maneira, não precisam ter sua circulação limitada a um grupo restrito ou ficar à espera da publicação de um livro, sempre mais trabalhosa e demorada. As revistas podem, ainda, servir à função institucional de dar a conhecer os diversos agrupamentos que se foram constituindo no cenário psicanalítico, fazendo circular entre seus membros e tornando acessíveis aos demais não somente a produção, mas também os ideais e princípios que os sustentam e organizam. Foi

Eliana Borges Pereira Leite é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica (PUC/SP), e professora do CEP de São José dos Campos.

Percurso surge oitenta anos após a fundação do primeiro periódico psicanalítico; suas páginas queriam ser um convite à prazerosa companhia do pensar, incluindo autor e leitor no campo da interlocução.

atendendo a estas duas ordens de motivos que, em 1988 - oitenta anos após o surgimento do *Jahrbuch* - os analistas do então recém-fundado Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae criaram a revista *Percurso*.

A concepção de um espaço institucional, o Departamento, deu continuidade a um projeto de formação em psicanálise iniciado anos antes com a criação do Curso. Tratava-se agora de *construir uma pertinência* gerando, para os participantes do projeto, espaços de reconhecimento mútuo, de prosseguimento da formação teórica, da reflexão sobre a clínica e do desenvolvimento de uma produção própria, apta a contribuir para a ampliação dos recursos que sustentam a prática psicanalítica nos diferentes contextos em que esta pode ser inscrita. Uma estrutura complexa, um organismo vivo, desenvolveu-se com a constituição de setores que acolheram as diversas modalidades de trabalho, os múltiplos interesses e as possibilidades criativas de seus integrantes. A escrita, destino privilegiado da produção psicanalítica e veículo de sua transmissão, encontrou lugar na criação de um setor de publicações que acalentou, desde

seus primeiros momentos, o projeto de fabricar uma revista.

Assim surgiu *Percurso*, no vir a ser de um espaço de formação, concebida desde o primeiro número como "suporte de uma tessitura feita de fios de diferentes escritas", em cuja trama os conceitos clínicos e teóricos poderiam ser "postos a trabalhar, num movimento de contínua recriação". O editorial que a inaugurou formulava ainda o desejo de que suas páginas fossem um convite à prazerosa companhia do pensar, incluindo autor e leitor no campo da interlocução.

O mesmo trabalho de recriação permanente e o prazer do pensar imprimiram à própria revista o movimento de sua constante reinvenção. Ao longo de seus dez anos de publicação, forma, conteúdo, equipe e modo de produção passaram por transformações que indicam sua vitalidade, bem como sua inserção no contexto da instituição e no meio psicanalítico em sentido mais amplo. Os editoriais, a análise dos índices temáticos e alguns textos do setor de publicações no Boletim do Departamento documentam e tornam possível acompanhar estes movimentos.

Em seus primeiros números, *Percurso* esteve, naturalmente, voltada para a trabalhosa tarefa de tomar corpo e de se dar a conhecer. Alimentou-se de artigos cujos autores eram, quase na totalidade, membros do Departamento, notadamente professores do Curso de Psicanálise. Nos editoriais, a ênfase incidiu sobre o surgimento e a afirmação de uma identidade e a abertura ao diálogo. Além dos textos, entrevistas e resenhas, faziam parte da revista, nesta época, duas seções - Crônica e Agenda - que veiculavam informações e reflexões sobre o desenvolvimento e as atividades da instituição. Posteriormente, estas seções tiveram sua função melhor preenchida pelo Boletim.

O recebimento de artigos de diversas procedências, recobrando um amplo espectro de temas, logo indicou a aceitação do convite inicial. Analistas de diferentes orientações puderam ter seus artigos publicados, encontrando em *Percurso* um espaço de diálogo regido não por filiações institucionais e fidelidade a escolas, mas pela "preocupação e cuidado com a clínica, o empenho na pesquisa teórica, o compromisso ético". Sempre em sintonia com a história e os princípios do Departamento, a revista foi consolidando uma posição no cenário das publicações psicanalíticas no Brasil. Venceu seus primeiros desafios, não deixando de ser editada mesmo quando graves acontecimentos políticos e econômicos ameaçavam paralisar projetos em todos os setores produtivos do país. O prêmio Classic de Artes Gráficas, obtido em 1990, foi a merecida recompensa pelo elevado padrão de apresentação que desde o início caracterizou *Percurso* e, ainda que de forma indireta, pelo esforço coletivo empreendido para garantir a continuidade de sua publicação. A qualidade do conteúdo, por sua vez, alcançou reconhecimento sob a forma de um consistente crescimento do número de assinantes e pelo constan-

te fluxo de artigos enviados espontaneamente por seus autores. Indexada pelo *Psychoanalytical Abstracts* a partir de 1995, *Percurso* tornou-se a primeira revista de psicanálise em língua portuguesa e não ligada à IPA a atender aos critérios de um índice internacional e ser incluída como referência bibliográfica entre tantas publicações de reconhecido valor.

formação, suas vicissitudes e seus riscos, foram abordados pelo número 12 da revista, em artigos que enfatizaram a natureza visceral e profundamente pessoal da experiência formativa, além da fecundidade que deve estar presente “para a constituição de uma identidade analítica que não exclua a mobilidade psíquica e intelectual”. O desejo de refletir sobre as relações e contribuições recí-

procurando sustentar um debate não obscurecido por “adesões cegas” nem “alergias surdas”. Posteriormente, quando a obra de Ferenczi tornou-se objeto de interesse em nosso meio, o décimo número da revista lhe foi dedicado. Procurou-se então “favorecer *um encontro com Ferenczi*, e por esta via um encontro com o perturbador da experiência clínica de cada um de nós, com nossas dúvidas e com nossas incertezas”. De modo semelhante, o crescente interesse pela obra de Winnicott no meio psicanalítico brasileiro motivou a produção do número 17, que buscou abarcar a diversidade de leituras, a coexistência de múltiplos pontos de vista sobre a obra deste autor e, em particular, os pontos de ruptura e de ligação desta obra com o pensamento de Freud e de outros psicanalistas importantes. Trabalhar o pensamento de Winnicott “para não desmerecê-lo, para não tomar sua obra como um sistema fechado, como um dogma”, foi a diretriz adotada na confecção daquele número e que também esteve presente anteriormente em relação a Ferenczi e Lacan, assim como certamente orientará futuras abordagens das obras de outros autores.

Para surpresa do Conselho Editorial e possivelmente também dos leitores, números em que um eixo temático não havia sido inicialmente sugerido revelaram, depois de prontos, a presença de tendências latentes, de fios de pensamentos que permitiram perceber, *a posteriori*, uma articulação e um diálogo possível entre os artigos. Assim, o número 11 de *Percurso* chamou a atenção para a presença da cultura como interlocutora do psicanalista, “fornecendo instrumentos de reflexão, ilustrações paradigmáticas, termos de comparação ou de referência e funcionando como andaime para a construção de textos”, operando como suporte para dar expressão à experiência analítica e aos aspectos

Em 1995, *Percurso* passou a ser indexada por um repertório internacional: o *Psychoanalytical Abstracts*, de Washington.

A trama dos temas

A organização de alguns números em torno de eixos temáticos pré-definidos foi a forma encontrada pela revista para acolher, em alguns momentos, questões que, surgidas no contexto institucional ou apreendidas nos horizontes mais amplos do campo psicanalítico, do social e da cultura, solicitaram uma reflexão mais focalizada. Em torno do tema da violência, de suas múltiplas manifestações, seu impacto sobre a constituição do sujeito psíquico e suas repercussões na clínica organizou-se o número 7 de *Percurso*. As modalidades de inserção, as condições de trabalho do analista fora do consultório, os parâmetros que orientam sua escuta quando não dispõe do *setting* habitual orientaram, por sua vez, os artigos reunidos no número 9. Os diferentes momentos da

procas entre a arte e a psicanálise guiou a organização do número 15. Em seus artigos, as ligações possíveis entre a psicanálise e as diversas modalidades artísticas - literatura, música, artes plásticas, teatro, cinema e fotografia - deram-se a perceber, tendo como ponto de convergência “o ato criador, presente tanto no fazer do artista quanto no fazer analítico”.

Três autores de destaque na história da psicanálise cujas obras têm profundas repercussões na prática contemporânea foram também focalizados por números temáticos de *Percurso*. Fiel ao compromisso de abrir suas páginas ao “diálogo entre as correntes que perpassam nossa disciplina”, a revista começou por acolher, em seu oitavo número, artigos que refletiam alguns dos principais eixos do pensamento de Lacan, suas dificuldades e suas conquistas,

da clínica que pedem elaboração.

A cultura e suas múltiplas manifestações continuaram presentes nos artigos reunidos no número 13, como recursos de fertilização do pensamento que favorecem a abertura para a escuta do diferente, do que ultrapassa as fronteiras do familiar e confronta a psicanálise com seus limites, mobilizando questionamentos e transformações: "A psicanálise, a peste, deixa-se deste modo empesstar. Ela não apenas pensa a cultura: é por esta pensada, e assim transformada."

Em contraponto a estes trabalhos que exploram as margens e interfaces com que a prática psicanalítica demarca sua especificidade e, ao mesmo tempo, acolhe a mudança, o número 14 de *Percurso* voltou-se para o interior do próprio campo, por meio de um diálogo com o pensamento de Freud. Um conjunto de artigos foi dedicado a questões metapsicológicas, ilustrando uma leitura da obra freudiana que se mostra fecunda na medida em que considera o fundador da psicanálise como *interlocutor*, de modo a "escutá-lo, pensar no que nos diz, respeitar seus argumentos para melhor compreendê-los, mas também formular os nossos, eventualmente refutar os seus, servindo-nos deles

para construir um pensamento próprio no e pelo diálogo".

Mesmo o "agrupamento de solitários" que se configurou no número 16 não deixou de dar a perceber, pela noção de *desapassivamente*, um ponto de convergência entre os artigos, mantidas as singularidades com que cada autor procurou explicitar seu pensamento sobre as fronteiras e as invenções que as ultrapassam. Nas palavras de Radmila Zygouris em sua entrevista, o inventivo na análise é um momento "quase poético", no qual algo descoberto não precisa ser inserido no "já pensado" e em que se recusa a passividade frente à teoria, resgatando-se assim a dimensão terapêutica da prática analítica. Reflexões que se estendem à maneira como o Conselho Editorial escolhe os textos que preenchem a revista, valorizando "aqueles que se apropriam das idéias que expressam, trabalhando-as de forma estimulante".

Os destinos da pulsão, suas precariedades e os efeitos de seus transbordamentos foram o cenário em que se movimentaram os textos do número 18, igualmente sem planejamento prévio. Pontos cruciais da teoria viram-se postos a trabalhar face a questões que, suscitadas por urgências da clínica, testam os limi-

tes do instrumental analítico, fazendo exigências de expansão do alcance da técnica e da metapsicologia.

Neste número, em particular, foi possível "escutar os ecos" de edições anteriores por meio de referências a artigos já publicados na revista e aos debates entre autores e leitores e, desta forma, viu-se reiterado o papel que *Percurso* procura preencher na comunidade psicanalítica, enquanto "um lugar de ressonância de idéias e de intercâmbio de diferentes posições". Por sua vez, os artigos agrupados no recente número 19 veiculam a noção de que "o trabalho com os restos produzidos pelo dispositivo analítico é o que mantém em movimento o jogo da criação metapsicológica". Fazer de suas páginas um lugar no qual este trabalho e este movimento encontram acolhida tem sido, nestes dez anos, um dos propósitos desta revista.

Os fios da escrita

Uma trama temática é o efeito - buscado ou inesperado - da aproximação entre os artigos no espaço coletivo de cada número de *Percurso*. Por outro lado, é na singularidade de cada autor, no seu uso particular da palavra, que se encontra a materialidade desta trama. À maneira das retrospectivas anuais feitas por algumas revistas não especializadas, é possível editar, das páginas de uma década de *Percurso*, momentos singulares - alguns fios - que dão vida a esta tessitura. São de Regina Chnaiderman as palavras emblemáticas com que se inicia este trajeto:

"Ensinar a psicanálise é um ato psicanalítico e é um projeto de desalienação. Desalienação, desta vez, não do sujeito analisado, mas desalienação do discurso que se tem sobre o saber psicanalítico."

"O saber analítico se resume num saber analisar, isto é, ser capaz de levar um outro sujeito à decifra-

"O trabalho com os restos produzidos pelo dispositivo analítico é o que mantém em movimento o jogo da criação metapsicológica": esta tem sido uma das divisas de *Percurso*.

ção de seu próprio texto inconsciente; analisar é um fazer saber e não um saber fazer.”

“Todo analista nasce numa sociedade endogâmica de vocação incestuosa.

Mas o que é preciso ressaltar é que a formação analítica só merece este qualificativo a partir do momento em que se põem em questão todas as posições identificatórias filiais ou parentais, em que o analista traçará seu caminho como entender...como *um outro que soube conquistar o que seus pais e pares lhe legaram.*”

Percurso nº 1

Em entrevistas e textos, muitos outros fios:

“A psicanálise, como outras idéias, é uma idéia boa de ser pensada, boa de ser agida.”

“A própria escolha dos objetos reflete minha preocupação de colocar a psicanálise a serviço de alguma coisa humanamente útil...Trata-se, no fundo, de entender que ela deve servir para melhorar o convívio humano, para exercitar a tolerância, a liberdade.”

Jurandir Freire Costa

Percurso nº 1 e 2

“A prática da supervisão situa-se na fronteira entre a atividade analítica e as teorias que a instituem e que lhe fornecem um substrato conceitual; situa-se na fronteira entre o singular e o universal, entre o devaneio associativo e o discurso articulado.”

Luiz Carlos Menezes

Percurso nº 1

“Sustentar o lugar de analista implica dificuldades. A renúncia narcísica de suportar, mas para dissolvê-lo, o lugar de saber que nos é outorgado, sem confundir-se com ele.”

Silvia Alonso

Percurso nº 3

A revista mantém constante diálogo com a Filosofia: ao se interessar pela elaboração metapsicológica, é levada a abordar os problemas epistemológicos da Psicanálise.

“Uma das minhas preocupações teóricas é a de que nós, os analistas, não nos convertamos em guardiães de uma pureza da análise, mas sim que façamos a psicanálise trabalhar... Devemos recuperar o intercâmbio como única forma de não nos fecharmos nas questões teóricas que privilegiamos ou que a escola à qual pertencemos privilegia.”

“O grande mérito de Freud foi ter mantido um sistema aberto que, sem se perder em cada uma das descobertas, manteve sempre a complexidade da psicanálise.”

Luís Hornstein

Percurso nº 3

“É claro que não é a Psicologia que vai fazer a revolução social. Mas a Psicologia é um instrumento muito importante para transformar as pessoas e para levar as pessoas a ter uma visão melhor do mundo e, portanto, uma conseqüente melhor solução dos problemas deste mundo.”

Madre Cristina

Percurso nº 4

“As escolas, tendências, doutrinas são sem dúvida heterogêneas entre si, mas todas guardam com a obra de Freud e com seu modo de

praticar a psicanálise uma relação de interlocução e de referência sem paralelo em outras disciplinas.”

Renato Mezan

Percurso nº 4

“O pensamento psicanalítico deve retomar o movimento fundador que é essencialmente o de Freud e também dos grandes sucessores; fazer um trabalho interno, não um trabalho exterior, sobre os autores psicanalíticos, assim como um trabalho interno em nossa própria teoria.”

“Cada sujeito tem um modo próprio de teorizar-se; há uma auto-teorização do ser humano, isto é, o modo como cada homem teoriza a si mesmo. A psicanálise tem de respeitar a profunda originalidade do paciente...”

Jean Laplanche

Percurso nº 5/6

“A leitura de Freud deve evitar ainda o risco dogmático. O dogmatismo é alienante, já que substitui a pulsão de saber pelo anseio de albergar o já pensado pelo outro, consumando um desejo de morte que concerne ao pensamento.”

Luís Hornstein

Percurso nº 5/6

“Trabalhar? Bem, entendo que seja *criar*, eu traduzo assim o que diz Freud.

Trabalhar para sobreviver não é suficiente. Sobreviver é necessário, mas, além disso, há também algo sublimatório que faz falta. Há que produzir, de alguma maneira, no simbólico.”

Gilou Garcia Reynoso
Percurso nº 7

“Há uma maneira de construir um Freud bem comportado, alguém que, como mestre, soube dominar os seus conflitos. Eu prefiro o Freud vulcânico, insuportável, a uma leitura que o enquadre plenamente e que quase sempre se vê obrigada a amputar o texto.”

Monique Schneider
Percurso nº 8

“Explicar todo comportamento como recusa de viver a castração vem se tornando um lugar-comum que, por explicar tudo, não explica nada.”

Miriam Chnaiderman
Percurso nº 8

“Atraía-nos a oportunidade de trabalhar na área da saúde mental, onde pudéssemos ampliar os benefícios do pensar analítico, assim como articular essa forma de trabalho com situações diferentes da clínica particular.”

Cecília Hirschon
Percurso nº 9

“Em Bonneuil não se dá uma escuta ‘psi’ às crianças 24 horas por dia...Entre outras coisas, há o perigo de que elas venham a suspeitar de que interessam aos adultos exatamente por causa de seus sintomas.”

Maud Mannoni
Percurso nº 9

“Há muito tempo, os pensamentos parasitas me fascinam. Sei que não se deve expulsá-los muito rapidamente. Eles são a *chamada*

Percurso nasce no
vir-a-ser de um espaço
em formação;
suporte de
uma tessitura feita
com diferentes fios.

da razão dos sonhos, estranhos à razão do dia...Contam a *outra história*, aquela que eu não posso ou não devo conhecer.”

Radmila Zygouris
Percurso nº 11

“A psicanálise, o dispositivo clínico analítico, inscreve-se na linha-gem dos pensamentos que procuram dar conta de uma passagem da servidão para a liberdade possível... Freud delinea a ética psicanalítica da tolerância, onde nenhuma regra a respeito da felicidade vale para todos.”

Renata Cromberg
Percurso nº 11

“Troquei minha neurose pelo delírio de ser normal... Essa mutação teve a ver com o fato de assumir meu dever desejante.”

Emílio Rodrigué
Percurso nº 12

“A psicanálise sobreviveu e sobreviverá enquanto forem produzidos lapsos, sintomas, sonhos, e houver alguém disposto a ouvi-los.”

Silvia Alonso
Percurso nº 12

“Enquanto formadores, estamos nos formando, e este é um aval que temos da existência de uma transmissão psicanalítica. Se estamos em movimento de transformação, temos um indício de que há *processos de criação* e não *meras reproduções*.”

Janete Frochtgarten
Percurso nº 12

“Uma história é sempre uma história *para* alguém e, por isso, a memória resgatada na análise não é só apropriação que o sujeito se faz, mas o faz também *para* alguém.”

Mara Caffé
Percurso nº 13

“Não se pode esquecer que o inconsciente é sexual e que a psicanálise trata do sexual.”

Jean Laplanche
Percurso nº 13

“É exatamente desta distância entre demanda e desejo, a partir deste lugar onde surge a frustração, que se engendra todo e qualquer significado.”

Piera Aulagnier
Percurso nº 14

“Transformar a relação com o infantil não significa sua eliminação...mas permitir uma reorganização de forças para que o novo possa advir.

O infantil é um território a explorar em cada um de nós; oferece sua face, mas nunca a revela inteiramente”.

Bernardo Tanis
Percurso nº 14

“Acredito que a maior originalidade de Freud foi a de dizer que toda nossa realidade psíquica é contingente e que somos uma pluralidade identificatória sem centro ordenador metafísico.”

Jurandir Freire Costa
Percurso nº 14

“A metapsicologia é, em gran-

A referência a Freud, e o trabalho em torno dos conceitos por ele propostos, predominam nos artigos selecionados pela revista.

de parte, fruto do prazer intelectual e estético de conjecturar: seu parentesco com as teorias sexuais infantis é reconhecido e declarado.”

Camila Salles Gonçalves
Percurso nº 15

“A psicanálise pede e exige o poético.”

“A arte, a linguagem poética e metafórica, é um dos meios pelos quais podemos tangenciar o indizível, roçar o não-representável.”

Helena Rosenfeld
Percurso nº 15

“Só enquanto analistas podemos descobrir e teorizar a unidade de movimentos e de relações afetivas na fala de nossos pacientes.”

Isaias Melsohn
Percurso nº 15

“Enquanto os filósofos apreendem a floresta por meio de ‘idéias sobre’, e os poetas se deixam tomar ou penetrar por elas, Freud a aborda passando de uma árvore a outra, recomeçando a cada vez por uma nova.”

Daniel Delouya
Percurso nº 16

“Quando se examinam as construções teóricas da psicossomática psicanalítica, ficam evidentes os fa-

tos de que aí se encontra uma importante ampliação para nosso horizonte, bem como de que o solo metapsicológico onde repousam seus alicerces é eminentemente freudiano.”

Flávio Carvalho Ferraz
Percurso nº 16

“Não me tornei psicanalista unicamente através de meus analistas e supervisores; tornei-me analista também através de meus amigos e colegas analistas.”

Radmila Zygouris
Percurso nº 16

“Freud contempla seu neto Winnicott brincando com o carretel, e intui que algo verdadeiramente importante se apresentava naquela experiência. Seria o *fort-da* uma espécie de sonho premonitório de Freud?”

Décio Gurfinkel
Percurso nº 17

“A histerização é um modo de padecer da dor da feminilidade e, por isso mesmo, uma *forma de construir* novas formas de sublimação.”

Joel Birman
Percurso nº 18

“O prazer da escrita vem do fato de que, através dela, o poeta sem-

pre inventará o mundo à sua maneira. O esforço literário mostra como, através da escrita, alguém tentou superar a resistência que a experiência interna sempre oferecerá à significação.”

Ana Cecília Carvalho
Percurso nº 18

“Tudo o que pode alargar a es-
cuta do analista é precioso, não só para o trabalho analítico mas também para a reflexão sobre si e sobre as próprias concepções teóricas.”

Joyce McDougall
Percurso nº 18

“Se é possível pensar um campo onde o orgânico e o psicológico se reunam, tecendo uma trama, estaremos ajudando a romper com os feudos científicos. Estaremos superando um imaginário narcísico que nos faz pensar que nossa visão é a única, e que somos os detentores da verdade.”

Ana Maria Sigal Rosenberg
Percurso nº 19

“Num mundo onde o narcisismo sofreu tamanha expansão, um campo ficou vazio - o campo da palavra dirigida a um outro e o reencontro desta palavra dentro de nós como parte daquilo que nos constitui - campo que, com todas as resistências, é ainda, a meu ver, o lugar por excelência da psicanálise.”

Maria Laurinda Ribeiro de Souza
Percurso nº 19

“Psicanálise é amplidão. Aliás, é assim que eu vejo Freud.”

Lygia Alcântara do Amaral
Percurso nº 19

Traços de um perfil

Assim como em cada edição de *Percurso* é possível reconhecer, planejado ou não, um fio condutor que percorre seus artigos, também é

possível, por meio de um paciente trabalho de indexação, definir os grandes eixos temáticos de que se ocupam os cerca de trezentos escritos publicados até este festejado vigésimo número e quantificar sua distribuição. A elaboração periódica do índice temático fornece muitas informações que, cuidadosamente tabuladas e submetidas a uma análise qualitativa, funcionam como uma “radiografia” da revista, revelando suas principais características.³

Percurso pode ser descrita como uma publicação de traços marcada-mente freudianos. Ainda que se tenha proposto, desde o início, o diálogo com as diversas tendências do pensamento psicanalítico, a referência direta a Freud e o trabalho em torno de seus conceitos predominam nos artigos veiculados na revista. A presença de outros autores não deixa de acontecer, mas apenas se tomada em conjunto equipara-se à forte presença de Freud. Também se pode afirmar que o interesse pela clínica é um traço fundamental no perfil de *Percurso*, clínica que se apresenta predominantemente elaborada num estilo clássico e evidencia forte afinidade com a psicanálise francesa contemporânea. As questões clínicas, o processo analítico e mesmo a psicopatologia são, assim, constantemente articulados às reelaborações metapsicológicas de autores como Piera Aulagnier, Jean Laplanche, Pierre Fédida, Monique Schneider e outros. Mais recentemente, o pensamento do *Middle Group* vem se tornando presente por intermédio das concepções de Winnicott mas, habitualmente, são poucos os artigos recebidos que tomam como referência o pensamento de autores ingleses. Assim como se interessa pela elaboração metapsicológica, a revista também se volta para a fundamentação epistemológica dos conceitos, mantendo um diálogo com a filosofia. Um traço forte de *Percurso* é sua

A atenção às conexões da Psicanálise com a cultura e com a sociedade, o interesse pela clínica, a fundamentação metapsicológica dos conceitos, são traços marcantes de *Percurso*.

atenção às conexões da psicanálise com a cultura. Há uma incidência expressiva de escritos que procuram enriquecer a reflexão clínica e teórica tomando como articuladores as diversas modalidades de produção cultural. O social também tem presença significativa nas páginas da revista, através de textos que se ocupam tanto de aspectos do contexto social e político que repercutem na prática psicanalítica quanto da inserção do pensamento analítico no trabalho institucional. Tal conjunto de características faz de *Percurso* uma revista voltada principalmente ao leitor que, sendo um profissional da área, está de fato envolvido na prática clínica no campo psicanalítico, em contato com suas problemáticas e mobilizado para a reflexão que esta prática suscita.

Entre as transformações “vivas” pela revista desde seus primeiros tempos, a mais imediata e perceptível é, sem dúvida, seu espontâneo encorpamento. As edições mais recentes contam, em média, com vinte artigos, ou seja, o dobro do que se costumava publicar em seus primeiros números. Em correspondência a este crescimento, *Percurso* tornou-se, pouco a pouco, mais exogâmica.⁴ A predominância inicial de textos escritos por membros do Departamento foi sendo gradualmente equilibra-

da pela afluência de artigos de múltiplas procedências, resultado da receptividade encontrada pela revista no meio psicanalítico que lhe permite cumprir seu projeto de oferecer-se como espaço de interlocução.

Nesta mesma direção, merece destaque a iniciativa de realizar, a partir do número 10, o encontro entre os autores de cada edição e os leitores interessados em debater mais profundamente seus artigos. Na prática, estes encontros transformaram-se em eventos bastante aguardados por leitores e autores, pois criam ricas oportunidades de reelaboração tanto da leitura quanto da escrita. Encontrando-se pessoalmente, os autores examinam, junto aos leitores, as ressonâncias entre seus textos e explicitam suas aproximações e diferenças, transformando o texto publicado em ponto de partida para novas elaborações. Configura-se assim, como já foi dito por um dos participantes, “mais um espaço de continuidade da formação”. Para a equipe que produz *Percurso*, estes eventos são também oportunidades de reavaliar o conjunto do trabalho realizado em cada número da revista e de examiná-lo criticamente, de modo a manter o padrão de qualidade já alcançado e descobrir pontos a serem aprimorados nas próximas edições.

Bastidores

A confecção de um número de *Percurso* é uma tarefa bastante complexa tanto em seus aspectos editoriais quanto do ponto de vista administrativo, envolvendo atualmente cerca de 35 pessoas. Para realizá-la, a comissão responsável que se formou inicialmente foi incorporando novos membros e dividiu-se, com o passar do tempo, em grupos de trabalho com atribuições específicas. O Conselho Editorial recebe e seleciona os artigos, sugere eventuais alterações e cuida de imprimir a cada número da revista uma certa coerência, além de redigir o editorial.

A escrita do analista é um meio muito sensível de dar a ver a seu percurso. Acolher os fios desta escrita, tecê-los e relançá-los, é o fazer permanente desta revista.

O Grupo de Resenhas e o Grupo de Entrevistas cuidam da produção específica destes textos. Provas gráficas de todo o material passam até quatro vezes pelo crivo do Grupo de Revisão e só após todo este trabalho, que se estende por um semestre, a revista está pronta para ser impressa. Em seguida é acionada a distribuição ao universo de mais de 700 assinantes, implicando procedimentos diferentes para membros e não-membros do Departamento. Há também o envio de exemplares a instituições, bibliotecas e outros destinatários, além da

distribuição às livrarias. Todo o processo aqui resumido envolve uma infinidade de operações invisíveis e essenciais que vêm funcionando com notável eficiência, sob a regência da Coordenação Editorial e do Conselho. Ainda assim, estão sujeitas a inevitáveis imprevistos que vão sendo superados a cada momento com a colaboração da equipe.

O trabalho administrativo é fundamental para dar sustentação à produção de *Percurso*, que movimenta recursos financeiros bastante significativos. Em 1994, constituiu-se a *Sociedade Civil Percurso*, com o objetivo de simplificar e agilizar esta administração. Uma gestão cuidado-

sa das finanças, somada à liberdade de implementar novas idéias sem qualquer entrave burocrático, vem dando bons resultados que comprovam o acerto da iniciativa. Muito foi feito em benefício do trabalho de captação de novos assinantes e de renovação de assinaturas que são a principal fonte de receitas próprias da revista. A tarefa toda tem de ser recomeçada a cada ano, exigindo muita dedicação das pessoas envolvidas. Seu objetivo é atingir a meta de 1200 assinantes, o que tornaria a revista independente dos recursos, por vezes incertos, dos patrocínios

e da Fapesp. A venda em livrarias, por seu turno, também desenvolveu novas estratégias e, embora menos expressiva financeiramente, é um setor que recebe constante acompanhamento, pois confere visibilidade à revista.

Visibilidade...

Exposta no *display* de uma livraria, *Percurso* captura o olhar, assim como, a cada semestre, surpreende o leitor que a retira de seu envelope. Na capa, uma obra de arte faz o convite à leitura, evocando o parentesco entre o ato criador do artista e o momento em que, emergindo de seu silêncio, o analista opera com a palavra, seja numa sessão ou na criação de um escrito. A escrita do analista é um meio muito sensível de dar a ver seu percurso. "Cabe a seu texto", diz Fédida, "dar testemunho de quem ele é em trabalho".⁵ Acolher os fios desta escrita, tecê-los e relançá-los no movimento associativo que irá compor outras criações é o fazer permanente desta revista.

"Eis aqui *Percurso*..."

Ao comemorar seu décimo aniversário, renova-se, por meio deste texto, seu compromisso inicial. A equipe que a produz confraterniza-se com os autores e leitores, com o Departamento de Psicanálise, o Instituto Sedes Sapientiae e todos os que, de alguma forma, envolveram-se em sua trama.

Tempo de festa... ■

NOTAS

1. Citado por P. Fédida, em "Do sonho à linguagem", em *Nome, figura e memória*, São Paulo, Escuta, 1991, p.38.
2. P. Gay: *Freud - Uma vida para nosso tempo*, São Paulo, Companhia das letras, 1989, p.207.
3. Os resultados mais recentes deste trabalho estão disponíveis no Boletim do Departamento publicado em dezembro de 1996. Um novo índice temático encontra-se em preparação.
4. Observação que me foi sugerida por Mania Deweik, assim como outras indicações que utilizei neste texto.
5. P. Fédida, Op. cit., p. 35.